

## Áureo de Negromonte e o fascínio com a Europa<sup>1</sup>

*Abraão Carvalho*  
[sougroove@yahoo.com.br](mailto:sougroove@yahoo.com.br)

*“Você não sabe quem é o Diderot Assunção?”*

*“Não, não sei.”*

*“O maior empresário que tem no ramo. Um grande empresário. Os agenciados dele viajam para a Europa, os Estados Unidos, para mostrar as fantasias em grandes hotéis, clubes, ganhando uma boa grana.”*

*“Você é agenciado dele?”*

*“Ainda não. Mas quando ele vir O Tesouro das Minas do Rei Salomão vai me contratar, tenho certeza. Olha este cabochão aqui”, disse mostrando uma enorme pedra arredondada, “você já viu coisa mais linda? Parece feita pela mãe natureza. Minhas pedras são todas assim, meu estrasse é francês, também os paetês, os canutilhos - tudo importado, do melhor.”*

O fascínio de Áureo de Negromonte com certa filiação (!! ) ou vínculo cultural com a Europa, no romance de Rubem Fonseca de nome *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*, tem o seu cunho afetado por um tom de ironia. Ao menos é o que lemos nesta passagem em que Negromonte atribui à Europa o seu signo de distinção cultural - “meu estrasse é francês, também os paetês, os canutilhos - tudo importado, do melhor.” Junto a esta posição diante da Europa, Áureo de Negromonte anseia, com árduo esforço, ser condecorado pelo grupo de contrabandistas que talvez o levassem para “mostrar as suas fantasias em grandes hotéis”, na Europa ou Estados Unidos. Lamenta Áureo de Negromonte ao perder em um desses desfiles em que o grupo de contrabandistas de pedras preciosas seleciona quem envia ou não para a exterior:

“Eu vou me matar hoje, não vou Mildred?”

---

<sup>1</sup> Este texto se refere ao sétimo capítulo ou seção de um ensaio de nome “Da dissimulação no pensamento de Rubem Fonseca”, desenvolvido a partir de um projeto de pesquisa que percorreu o período de agosto de 2004 a julho de 2005, e que contou com o financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) através do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa), inserido na linha de pesquisa de Filosofia e Literatura e sob orientação do Professor Bernardo Barros Coelho de Oliveira, Departamento de Filosofia, CCHN, UFES, Vitória-ES.

(...) “Seis mil penas de pavão”, disse Negromonte, “duas mil penas de ema, milhões e milhões de vidrilhos e canutilhos e paetês e estrasses, um ano inteiro de trabalho, não é Mildred?”

(...) “Eu fiz pesquisas, passei dias e dias na Biblioteca Nacional...Os livros nunca estavam lá...E eu voltava de novo...Li todos os livros que falam das Minas do Rei Salomão”...Deu um suspiro bem fundo. “Cada cabochão<sup>2</sup> desse simboliza uma coisa diferente, tem um significado próprio... Tudo inútil.”<sup>3</sup>

Como posicionar o pensamento acerca do aparecimento de Áureo de Negromonte no romance de Rubem Fonseca? De certo esta ironia no que se refere ao vínculo do raio histórico do que chamamos experiência brasileira e o continente Europeu, está situada no aparecer, mostrar-se, ou ser, desde a perspectiva do ornamento, do disfarce, encobrimento, adorno, embuste, enfeite, simulação ou dissimulação.<sup>4</sup>

Este movimento de subordinação hierárquica desde o qual Negromonte aparece no romance de Rubem Fonseca --- isto é, em sua tentativa em *tornar-se* um agenciado de Diderot, empresário envolvido com a promoção de desfiles de fantasias de luxo na época do carnaval, bem como com a movimentação do comércio de pedras preciosas ---, assim lemos o narrador perguntando a Negromonte: “Você é agenciado dele?”, seguramente responde Áureo, “Ainda

---

<sup>2</sup> Pedra preciosa ou não, talhada ou polida, mas não facetada. Mini Aurélio Escolar. Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira. Editora Nova Fronteira. 2001.

<sup>3</sup> Rubem Fonseca, *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos* (VEPI), p. 54.

<sup>4</sup> Não sem propósito, a filosofia, em sua origem européia, no conto *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro*, é tratada também em um tom de ironia. Na medida que a filosofia no Brasil, em nosso raio histórico, tem sido tomada pelo mesmo fascínio com a Europa do qual partilha Áureo de Negromonte no romance de Rubem Fonseca. Em trabalho de nome *Estética e Extética – Crítica Literária e Pensamento no Brasil*, Bajonas Brito nos indica que uma vez “Feita desde o início supérflua, à filosofia restou apenas associar-se as lides do adorno.”(p. 10) É neste sentido que se inscreve o tom de ironia que Rubem Fonseca atribui à filosofia no Brasil:

“Augusto está sentado num banco, ao lado de um homem que usa um relógio digital japonês num dos pulsos e uma pulseira terapêutica de metal no outro. Aos pés do homem está deitado um cão grande, a quem o homem dirige as suas palavras, com gestos comedidos, parecendo um professor de filosofia a dialogar com seus alunos numa sala de aula...”; *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro; Contos Reunidos*, Rubem Fonseca, p. 605 e 606.

não. Mas quando ele vir O Tesouro das Minas do Rei Salomão vai me contratar, tenho certeza.” -, encontramos conservado aí um certo modo de agir que realiza-se e afirma-se não de outro modo senão através de um certo modo de dissimulação, que encontra no ornamento o seu signo de distinção cultural, e é justamente a perspectiva do *ser como ornamentação* que abriga o ressentimento de Negromonte, que tomado pela cólera afirma ao narrador: “Este ano será o Ano da Reparação, o ano em que as injustiças cometidas contra mim serão vingadas”. Ora, como darmos sentido então, à intimidade entre subordinação hierárquica e o aparecer ou mostrar-se desde a ótica do ornamento?

Esta possibilidade de movimento de passagem de uma vida menos vida para uma vida mais vida, ou melhor, de um passar para outra coisa, de um modo de ser ou aparecer mais inferior para outro menos inferior, a saber, na ótica de Negromonte, o interesse em *tornar-se* um subordinado de Diderot, consiste em um dissimular. Ora, mas o que é isto? Esta situação em que a ação de Negromonte aparece a devemos tomar como afetada que é por um certo fascínio com o que vem do outro lado do Atlântico, principalmente de França – “meu estrasse é francês”. Esta superficial distinção cultural, dada a compreensão de que o ornamento encobre a superfície da aparência, e que encontra na Europa o seu signo de superioridade, tem no agir desde a ótica da ornamentação, o seu coroamento. Ornamentação aparece aqui como modo de atribuir a objetos pessoais o sentido da existência<sup>5</sup>, afetada que é por uma experiência urbana marcada pelos valores de mercado e pelo isolamento.

Do modo como Áureo de Negromonte aparece no romance de Rubem Fonseca, é o privilégio dado ao fascínio que opera a distinção cultural que encontra na Europa, ou melhor, em mercadorias vindas do outro lado do Atlântico, o que está situado em uma posição superior – “...tudo importado, do melhor”.

Ora, esta proximidade e intimidade entre subordinação hierárquica (trânsito nos limites do mando) e fascínio pela Europa (sempre vulnerável às novidades de além mar), que aparece em tom de ironia no livro de Rubem Fonseca, também encontramos no romance *Dom Casmurro* de Machado de Assis, mais precisamente ao seu capítulo V de nome *O agregado*.

---

<sup>5</sup> Esta situação histórica do indivíduo que envia ao ornamento o seu modo de ser ou aparecer, trata-se na perspectiva de Benjamin, de uma “reação de um homem cujos ‘vestígios sobre a terra’ estavam sendo abolidos.” Benjamin, *Experiência e pobreza*, p. 118.

O *agregado* trata-se de José Dias, que em certa ocasião aparecera na fazenda de Itaguaí, onde residia o narrador Bentinho e sua família, “vendendo-se por médico homeopata”. Passadas algumas semanas, atendendo ao convite do pai de Bentinho, retorna José Dias para fixar moradia como agregado da família. Algum tempo depois, decidido a ir embora, devido a morte do pai de Bentinho, José Dias é solicitado pela mãe do narrador para que não vá embora da fazenda:

“ - Fique, José Dias.  
- Obedeço, minha senhora.”<sup>6</sup>

Ora, esta obediência de José Dias, trata-se de um agir que oscila circunstancialmente entre extremidades opostas, uma vez que antes do ilustre convite da mãe de Bentinho, a posição era justamente a de negação da permanência na fazenda da família. Subitamente há uma inversão dessa posição, que se altera na medida que é solicitado por aquela que tem por privilégio subordinar. Junto a isto, aquele que assumira sua própria dissimulação – “José Dias deixou-se estar calado, suspirou e acabou confessando que não era médico” –, também é tomado, tal como Áureo de Negromonte no romance de Rubem Fonseca, por um certo fascínio pelo continente europeu, assim lemos o narrador do romance de Machado de Assis afirmar:

“Contava muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que a não sermos nós, já teria voltado para lá, tinha amigos em Lisboa, mas a nossa família, dizia ele, abaixo de Deus era tudo.”<sup>7</sup>

Este fascínio pelo continente europeu, que encontramos nos romances de Rubem Fonseca e Machado de Assis, no que se refere aos modos de ser ou aparecer de Áureo de Negromonte e José Dias, não devemos tomar como algo desvinculado de nossa experiência histórica, uma vez que este fascínio fundado em um certo modo de dissimulação, seja como ornamento ou disfarce, é também o que seduz nossas elites no início do republicanismo no Brasil, bem como grande parte de nossa literatura, como o aponta José Murilo de Carvalho em seu livro *Os Bestializados - O Rio de Janeiro e a República que não foi*. Nesta direção, afirma José Murilo:

---

<sup>6</sup> Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 19

<sup>7</sup> Idem.

“O brilho republicano expressou-se em fórmulas européias, especialmente parisienses. Mais do que nunca, o mundo literário voltou-se para Paris, os poetas sonhavam viver em Paris e, sobretudo, morrer em Paris. Com poucas exceções, como o mulato Lima Barreto e o caboclo Euclides da Cunha, os literatos se dedicaram a produzir para o sorriso da elite carioca, com as antenas estéticas voltadas para a Europa.”<sup>8</sup>

Ora, este fascínio com o que se faz do outro lado do Atlântico, mais precisamente em Paris - que no século XIX, segundo Walter Benjamin, “se afirma como a capital do luxo e da moda”<sup>9</sup> -, é o que seduz Pereira Passos em suas reformas na arquitetura do Rio de Janeiro. Tal como Haussmann na cidade de Paris, que inscreve a sua atuação no período do imperialismo napoleônico, tendo na realização de seu ideal urbanístico a perspectiva de ornamentar a urbe com monumentos e imprimir reformas para assegurar a cidade das barricadas populares, por meio do alargamento das ruas, etc..., também Pereira Passos tem o interesse de através da segregação espacial entre os setores da população, assegurar os privilégios de nossas elites e sobretudo ornamentar a cidade carioca para encobrir, de certo modo, a permanência dos traços mais marcantes do Brasil colonial e escravocrata. É neste sentido que afirma José Murilo: “No Rio reformado circulava o mundo *belle-époque* fascinado com a Europa, envergonhado do Brasil, em particular do Brasil pobre e do Brasil negro.”<sup>10</sup>

Se por um lado os ventos da modernidade européia são recebidos aqui desde a ótica do fascínio, como forma de encobrir e dissimular nossas bizarrices sociais, isto é, o “Brasil pobre e... negro”, e por extensão, como modo de distinção cultural que encontra em certo vínculo com a Europa seu signo de superioridade, que em Rubem Fonseca é tratado por um tom de ironia - “meu estrasse é francês, também os paetês, os canutilhos – tudo importado, do melhor” -, por outro, no Brasil, o arcaico e o moderno convivem desde certa cumplicidade, proximidade, ou seja, desde certo acordo fundado em uma ausência de tensão entre esferas que a princípio nos parecem opostas.

Na cidade do Rio de Janeiro do início da República, o novo, o moderno, só alcança a carapaça da urbe, reformada e ornamentada por Pereira Passos, que encontra na realização de seu ideal urbanístico um modo de assegurar ou mesmo

---

<sup>8</sup> José Murilo de Carvalho, *O Rio de Janeiro e a República*, p. 40

<sup>9</sup> Benjamin, *Paris, capital do século XIX*, p. 36

<sup>10</sup> Murilo de Carvalho, p. 41

acentuar a permanência dos traços do Brasil arcaico, fundado em distâncias sociais abismais e desequilíbrios habitacionais. Como nos afirma José Murilo acerca do processo de embelezamento da então capital da República,

“A população que se comprimia nas áreas afetadas pelo bota-abaixo de Pereira Passos teve ou de apertar-se mais no que ficou intocado, ou de subir os morros adjacentes, ou de deslocar-se para a Cidade Nova e para os subúrbios da Central.”<sup>11</sup>

No romance de Rubem Fonseca encontramos a figura do emblemático Alcobaça, o homem que para manter-se vivo tem a necessidade orgânica de comer diamantes, isso mesmo, viver, para Alcobaça, líder do grupo de contrabandistas de pedras preciosas, é comer diamantes ilimitadamente. “*Sou dominado por uma estranha patologia, uma ruptura da harmonia interna do meu corpo, de etiologia desconhecida*”, afirma Alcobaça para o narrador quando este é confinado em um sítio em Mendanha, após seu seqüestro.

Ora, não é esta “estranha patologia” que afeta nossas elites desde a colonização ibérica até os dias de hoje, no seu trato com a natureza? O romance de Rubem Fonseca, mesmo tratando do Brasil contemporâneo, remete-se, desde a ótica de Alcobaça, ao modo de exploração da natureza, comum ao Brasil arcaico, colonial, natureza de onde se extrai o máximo sem nada retribuir. Daí não podemos tomar o emblema de Alcobaça como algo desvinculado de nossa mais arcaica experiência histórica, uma vez que um dos traços do modo de exploração de nossas elites, em seu trato com a natureza no raio destes cinco séculos, é justamente a extração das riquezas materiais de forma extremada e predatória.

Isto é, tanto as reformas empreendidas por Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro, bem como o aparecimento do homem que comia diamantes no romance de Rubem Fonseca, devem ser tomados como o ponto de acordo e cumplicidade entre o arcaico e o moderno em nosso raio histórico, daí que o emprego do conceito de modernidade comum à experiência européia, ser algo, de certo modo, incongruente e ambíguo quando transportado de modo mecânico para a experiência brasileira.

---

<sup>11</sup> José Murilo, p. 40

## Referências bibliográficas

- BENJAMIN, WALTER. Obras escolhidas v. I: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_ Obras escolhidas v. III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Carlos Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_ Organização: Flávio R. Koethe; Coordenador: Florestan Fernandes; Editora Ática S. A., São Paulo, 1991.
- FONSECA, RUBEM. Contos Reunidos. Organização: Boris Schnaiderman. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_, Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos. Círculo do Livro S. A. São Paulo.
- \_\_\_\_\_, Pequenas Criaturas. São Paulo, Companhia das Letras. 2002
- ASSIS, MACHADO. Dom Casmurro. São Paulo, Abril Cultural. 1981.
- ALLAN POE, E. Contos. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo, Editora Cultrix, 1986.
- DE CARVALHO, JOSÉ M. Os Bestializados – O Rio de Janeiro e a República que não foi; São Paulo, Companhia das Letras, 1987
- BRITO, B. Estética e Extética – Crítica Literária e pensamento no Brasil.